



2022-2032 | DÉCADA INTERNACIONAL DAS

Línguas Indígenas

Língua-Espírito

Grupo de Trabalho Nacional-BR/DILI 2022-2032

A proposta de uma nova concepção de língua, enquanto língua-espírito, distingue-se das concepções ocidentais de línguas, e não pode ser entendida como uma concepção religiosa das línguas indígenas. Ao contrário, a concepção de espírito está relacionada à ancestralidade dos povos voltadas às experiências locais de retomadas, revitalização, vitalização e fortalecimento das línguas indígenas. A Década das Línguas é o tempo em que os espíritos de nossos ancestrais encontram apoio para convocar os povos indígenas, governantes, líderes, instituições governamentais e não governamentais do mundo para caminharem juntos, com vistas ao fortalecimento das línguas indígenas do nosso planeta.

É, pois, um momento histórico para a diversidade linguística do mundo. É um tempo que os espíritos das línguas e os ancestrais dos povos indígenas usam os sons do maracá, dos cantos dos rituais, dos ventos, das aves, dos animais, de todos os instrumentos xamânicos, com a intenção de pedir socorro para frear as ações que causam a morte do planeta terra. Ações de queimadas, de poluição, de contaminações, de eventos extremos como secas, chuvas torrenciais produzindo cheias dos rios e desmoronamentos, avalanches, degelos, aquecimento global, entre outros, desequilibram e ameaçam a biodiversidade do planeta.

Os espíritos ancestrais dos nossos antigos que são a vida no planeta despertam e falam por meio das línguas. Com essa grandeza, apresenta-se independente do sujeito que lhe observa, possui vida, saberes, concepções de mundo que desafiam o entendimento da ciência e dos conhecimentos ocidentais. É uma união, é uma existência, é uma afirmação que nos leva a pensar em uma nova realidade epistêmica. Por não ser visível, obriga-nos a novas formas de compreensão, porque “o espírito” não se vê, mas todavia está sempre presente nos rituais, nos cantos, nas aves, nos animais, nos rios, nas matas, nos saberes tradicionais e na cosmovisão dos povos indígenas. Em cada cura, em cada ensinamento, estão presentes os espíritos das línguas.

A concepção de espírito que estamos apresentando é a concepção de espírito dos povos originários dos continentes Abya Yala (Amazônico, Andino e Mesoamericano). Se pedirmos para que a expressão língua-espírito possa ser traduzida pelos povos indígenas das diferentes famílias linguísticas ameríndias pode haver tradução direta, bem como outras traduções, como: língua de vida, língua território, palavra de vida, palavra de acolhimento,



2022-2032 | DÉCADA INTERNACIONAL DAS

Línguas Indígenas

palavra do coração, entre outras. Tudo isso representa os mundos indígenas e a diversidade das ontologias dos povos originários.

O entrelaçamento entre língua e espírito se encontra na base da concepção de pessoa indígena entre muitos povos ameríndios. Por exemplo, a “alma-palavra” (nhe’e) diz respeito a porção divina presente em cada Guarani Mbyá, que remete ao tempo das origens narrados sob a forma das “belas palavras” (ayvu rapyta) e aos lugares no cosmo de onde procedem cada indivíduo do povo. Mesmo a linguagem cotidiana dos Mbyá guarda a potência dos momentos criadores, pois palavras como “porã”, por exemplo, expressam não apenas a beleza, mas o componente imperecível e transcendente que pode ser encontrado no mundo.

As línguas-espírito são “línguas encantadas”, como as línguas dos povos indígenas do Nordeste brasileiro. Os falantes de referência de tais línguas não são os humanos, mas os ancestrais que se tornaram existentes “mais-que-humanos”, os encantados. A despeito da violência colonial que compromete a transmissão intergeracional da língua, os idiomas ameríndios continuam sendo transmitidos cosmologicamente nas relações entre os povos indígenas e os mestres encantados mediante o complexo ritual da ciência indígena. Prevalece, no contexto ritual, a dimensão do segredo, pois se trata de todo o conhecimento do povo resguardado pela ancestralidade, o que inclui a língua. São os encantados que regulam a circulação dos enunciados: ensinam palavras novas, estabelecem tabus linguísticos, autorizam o uso fora das cerimônias, e, mais recentemente, suscitam levantes e retomadas das línguas ancestrais. São, assim, agentes ativos de uma cosmopolítica linguística.

As línguas ameríndias, como línguas-espírito, são línguas xamânicas, formas de comunicação e cura. Portanto, não são línguas apenas faladas; a chamada fala modal não corresponde à única e principal maneira de realizar a fonação. São línguas sopradas, murmuradas, baforadas, cantadas, assobiadas. Os Hupda do Alto Rio Negro, por exemplo, podem ser considerados “pessoas-sopro”, que anteriormente eram vozes trazidas a vida pelo criador, à semelhança do benzimento do beiju, soprado para fortalecer e proteger o recém-nascido. Todas as caminhadas pelo território hup são narradas por palavras entrecortadas por sopros que garantem a segurança da viagem e o transporte do xamã pelo percurso onde estão as casas dos seres invisíveis com os quais se precisa negociar para passar. A língua soprada é tão cotidiana e tão vital quanto a língua falada.

Uma grande lição que podemos aprender é que o conceito de espírito também é corpóreo. O corpo que habita a vida. A vida dos territórios, da mãe terra, a vida das línguas. Com esses alertas podemos estar mais bem preparados para explorar o potencial de nossos anciãos, professores, mobilizadores, aprendizes para encontrar novas formas de entender e agir a partir de um novo espaço de ensino e aprendizagem: rituais, pele pintada, cantos, vida- um corpo.

Deve-se atentar para a diversidade e a especificidade dos corpos indígenas, que são cuidadosamente concebidos, elaborados, moldados, fortalecidos e embelezados conforme a cosmologia de cada povo. Os Bakairi atuais, por exemplo, são provenientes do milho (ânji), sendo que a parte dura do corpo e da espiga de milho são pensadas como similares (denominadas pela mesma palavra, byre). Mas outra parte especial do corpo Bakairi, a garganta, se assemelha a flauta, ambas chamadas de igoru. São os irmãos onça, com corpos



que são flautas, que introduzem os instrumentos de sopro no mundo Bakairi na festa de casamento com as irmãs árvores, filhas do criador Kwamoty. Os mecanismos sonoros da língua Bakairi, assim, estão em ressonância com a articulação do órgão flauta do corpo indígena, surgido do matrimônio ocorrido nos tempos mitológicos.

Os corpos indígenas são preparados pelo coletivo no decorrer de toda a vida em rituais que os investem de potências, habilidades e qualidades que correspondem ao ideal de pessoa de cada povo. Os Kisêdjê dedicam atenção especial a boca e as orelhas, que enfeitam com discos labiais e auriculares com o intuito de expandir as capacidades de fala e audição, consideradas as faculdades por excelência da vida social. Toda aldeia Kisêdjê é concebida como um espaço acústico, que possui como ponto central o pátio onde acontecem os discursos e os cantos. As vocalizações mais belas são as realizadas pelos mais velhos, tanto porque possuem o registro de voz menos agudo como porque são hábeis em realizar o abaixamento da laringe para deixar os sons mais densos e graves, o que corresponde às concepções de refinamento estético, solenidade e sabedoria que definem a plenitude coletiva para aquele povo. Assim, a língua Kisêdjê para ser falada com toda a maestria precisa do corpo socialmente treinado e potencializado, adequadamente adornado e com os elementos principais da concepção de pessoa indígena – lábios, ouvidos e garganta – em destaque.

Em vista do exposto, precisamos salvaguardar todas as línguas em diferentes estados de vitalidade: revitalização, línguas com transmissão intergeracional interrompida, vitalização, língua, com baixa transmissão intergeracional, línguas em retomadas, em conjunção com as retomadas dos territórios que são os principais documentos das línguas indígenas. Faz-se necessário, portanto, promover os status das línguas em todo o planeta, para haver profundo investimento no plurilinguismo, para ser bandeira de todos os povos nas suas respectivas línguas. Também esperamos que as concepções de línguas ocidentais possam abrir espaços para as línguas-espírito, território sagrado, de todos os povos indígenas do planeta. Os caminhos são diferentes, mas todos convergem para esse ponto mais coletivo, mais coeso.

É o tempo de fortalecer e acordar todas as línguas indígenas do planeta!

BRASÍLIA, 2025.



GRUPO DE TRABALHO NACIONAL - BRASIL
DÉCADA INTERNAIONAL DAS LÍNGUAS INDÍGENAS 2022-2032

